

GOVERNO, NAÇÃO E PROFECIA: ATORMENTADORES OU PROMOTORES “DO BEIJO”?

Lília Dias Marianno

Resumo

Este artigo apresenta as relações de conflito entre governantes e governados, profetas e profecia a partir do estudo das relações entre filisteus e israelitas no Antigo Testamento. Convida os leitores do texto bíblico a atuarem como arautos, não permitindo que a nossa omissão cale a profecia, e não concordando com partidarismos injustos e opressores. Instiga à sensatez e à coerência bíblica na cidadania.

Palavras-chave: *Governo. Conflito. História. Profecia. Justiça.*

Abstract

This essay introduces conflictive relations among governors and governed, prophets and prophecy, since the studies of relations of Philistines and Israelites on Old Testament. Invite us to act as proclaimers of justice, as people that do not allow the prophecy be silenced through our omission, as people that do not support unjust and oppressive proselytism. Instigate to biblical coherence and ethical citizenship.

Keywords: *Governance. Conflict. History. Prophecy. Justice.*

Introdução

O principal insight para este artigo veio em 2013, quando estouravam no Rio de Janeiro as manifestações dos professores da rede pública, reforçadas pela questão do reajuste das passagens de ônibus municipal unindo diversas categorias de profissionais e estudantes. O conflito assumiu proporções absurdas, pois a reação violenta da força policial, espancando manifestantes desarmados, deixou o Brasil perplexo. Lembrou-nos dias tristes, cinquenta anos atrás.

Nos entremeios do planejamento desta edição, nova onda de ataques entre Palestina e Israel voltou a acontecer. Pessoas, aqui no Brasil, sem conhecimento do contexto sócio-histórico do conflito, sem analisar o problema com pondera-

ção, vociferavam palavras de ódio para os dois lados, para os que apoiavam os palestinos e para os que apoiavam Israel. Os ponderados eram condenados como criminosos por não assumirem um dos polos de opinião. Por tentarem mediar o diálogo. A moderação está em baixa, constatei uns meses atrás.

Mais recente, durante as campanhas eleitorais de 2014, novamente perplexos, presenciamos as manifestações de ódio da direita e da esquerda política que se agrediam nos espaços de debate, nada diferente do que estamos acostumados. O que nos surpreendeu foi a violência dos simpatizantes de ambos os lados desferida de uns contra os outros. Isso não é típico da nossa gente. Há quem diga que as pessoas não aguentam mais, entretanto, os tempos são violentos, não são tempos de paz. Isto nos faz desejar por um momento no qual a justiça e a paz finalmente se abracem e se beijem (Sl 85,10).

Nada há de novo sob o sol

A forma como governantes, o povo e as vozes proféticas que denunciam os abusos de poder interagem nos dias atuais não difere muito do que acontecia nos tempos de outrora, no Antigo Testamento. Quando Acab acusou Elias de ser um atormentador de Israel por ter proclamado a seca, e Elias revidou dizendo que atormentador de Israel era o rei, que fazia Israel pecar e atrair para a nação o juízo de Yahweh (1Rs 17,1 e 18,1-18), guardadas as devidas proporções, nos lembra um debate político, não?

Governantes que não praticam a justiça ensinam à nação que a corrupção é um sistema de vida aceitável e impune. Não se deve esperar nada diferente de uma nação com governos corrompidos por suas próprias ambições e interesses, ao invés de funcionarem pelo bem-estar do povo. A nação segue o exemplo de seus líderes. Quem zela pela ética e pela justiça, com imparcialidade e moderação, é odiado por todos os lados do conflito e considerado transgressor. Governos corrompidos e manchados pelos rastros de sua própria corrupção são, em qualquer momento da história, em qualquer região do planeta, uma praga, uma derrota social e moral de proporções gigantescas.

Os conflitos entre Gaza e Israel nos fornecem um suporte muito interessante, a partir dos eventos bíblicos, para a análise de tormentos entre o povo e seus governantes. Se fizermos um passeio antológico nos textos que estabelecem o perfil das relações entre os Palestinos dos tempos antigos (filisteus) e seus contemporâneos israelitas e judaítas, identificaremos situações em comum com os tempos que vivemos.

A encrenca mora ao lado: evite-a

Em textos da Torá, especificamente em Gênesis (Gn 10,14; 21,32 e 34; 26,1. 8-18) e Êxodo (Ex 13,17; 23,31), sagas dos patriarcas e de Israel no deserto,

considerando a mistura de fontes redacionais¹ contidas nestes relatos e também a diversidade de datações destes textos, conseguimos delinear o seguinte perfil de relacionamentos:

Filisteus chegaram a Canaã antes dos grupos abraâmicos. Eram descendentes dos Patrusim, Casluim e Caftorim, netos distantes de Noé pela linhagem de Cam. Parte deste grupo chega ao território oriundo de Creta (Caftor), em processos migratórios pelo mar, que lhes deu o apelido primitivo de “Povos do Mar”.

Ao chegar a Canaã, a postura de Abraão com os filisteus é a de fazer alianças e morar em paz entre eles (Gn 21,22-34). O mesmo exemplo seguiu Isaac (Gn 26,1.8.14-35), mesmo quando era provocado e seus poços, entulhados. Segundo o relato bíblico, os filisteus é que provocavam. Quando Abraão recebeu a promessa de herdar aquela terra não constava na promessa a extinção ou desterro dos povos, mas a concessão do território em coexistência e, ao habitar o território, Abraão e seus descendentes tinham o dever de abençoar as nações à sua volta.

As narrativas do Êxodo mencionando filisteus, com importante participação de fontes nortistas², deixam claro que a orientação de Yahweh com o povo durante a caminhada no deserto é a de que o povo evite os filisteus, passe por fora do caminho deles, que era a rota mais curta (Ex 13,17). Filisteus e egípcios disputavam as fronteiras com pesada força militar, mas o Egito não conseguia muito progresso nos avanços sobre o território filisteu (Ex 23,31), muito menos Israel. O território israelita começava onde terminava o território filisteu. Não deveria haver aliança entre eles, mas o respeito aos territórios de cada um era evidente nas linguagens bíblicas. Isso não começou em 1948...

Os conteúdos bíblicos mais frutíferos para descrever as relações entre filisteus e israelitas estão na Historiografia Deuteronomista, mais especificamente nas histórias de Sansão, Saul e Davi. Curiosamente, os conflitos mais intensos entre estes dois povos acontecem sob governos ostensivos e muito bem demarcados na história do Antigo Israel.

1. Estamos fixando os textos de Gênesis datados entre os séculos X e VI AEC e autores da fonte J. Segundo Gottwald: “A história tribal sagrada, de etapas múltiplas, do Israel pré-monárquico... constituía o fundo comum das tradições tribais unidas, das quais se utilizaram o J e o E. Ocorreu, contudo, um acréscimo importante e uma alteração significativa dos temas semelhantes à história, na etapa literária mais tardia do acréscimo das tradições. O Javista (J) acrescentou tradições desde a criação do mundo até Abraão, e a História Deuteronomista (HD) reagrupou as tradições desconcertantes a respeito da instalação de Canaã em duas partes – a conquista de Canaã propriamente dita sob Josué e reveses e consolidação posteriores sobre os juízes...” (GOTTWALD, 1988: 147-148).

2. Podemos considerar estes textos integrando materiais da fonte Eloísta, produzidos no norte entre os séculos X e VII AEC e que recebem redação final pós-exílica juntamente com os textos da fonte J.

Nas narrativas dos livros Josué (13,3) e Juízes (3,3-6.31; 10,6-12; e capítulos 13-16)³ verificamos que apenas em Josué o território filisteu é nominado como parte das conquistas de Israel em Canaã, o que de fato nunca aconteceu. Toda tentativa de Israel dominar ou ocupar o território dos filisteus nos textos do Antigo Testamento, fortes campanhas de Saul e de Davi não tiveram progresso. O máximo que se conseguiu foi firmar tratados de vassalagem nos tempos de Davi e Salomão, mas os filisteus continuavam ali, morando do lado.

Nos relatos dos Juízes as relações ficaram delineadas da seguinte forma: 1) Os filisteus são usados por Yahweh para subjugar e oprimir Israel quando este quebrava a aliança com Yahweh; 2) Yahweh permitiu que alguns juízes se levantassem em Israel para libertá-los da mão dos filisteus (3,31); 3) não havia qualquer orientação objetiva para Israel tomar posse do território filisteu; 4) Yahweh deixara os filisteus em Canaã para provar e ensiná-los a guerrear (3,3-6); 5) Israelitas e filisteus em diversas vezes se casaram, tornando a partilha territorial difícil e confusa pelas relações de parentesco.

O relato mais profícuo de relações tensas entre israelitas e filisteus no período de Juízes está no Ciclo de Sansão (capítulos 13 a 16). O que se fala ali é que os filisteus oprimiam Israel com permissão de Yahweh (13,1), que, como recurso de disciplina, era o pedagogo de Israel. Sansão foi concebido para a libertação específica dos israelitas da região sul da opressão dos filisteus (13,5). Trata-se de um acontecimento regional, muito mais do que nacional. O próprio Sansão ficou enrolado por relações de casamento com mulheres filisteias. As relações de inimizade com os filisteus são mostradas como problemas de natureza pessoal do próprio Sansão. A vingança dos filisteus nunca era dirigida a todo o Israel, mas objetivamente contra Sansão (16,23-30) e vice-versa, que agia por ímpeto próprio em muitas ocasiões. O ciclo de Sansão é muito farto duma didática sobre casamento misto e ruína, provavelmente com este fim estes relatos integraram a literatura profética. A “libertação” que Sansão promoveu em Israel nunca foi uma “aniquilação” dos filisteus do seu território. Neste ponto da antologia começamos a perceber como é que as questões pessoais dos líderes de uma nação metem seu povo em confusão, mas não para por aí.

Vizinho complicado

Nos livros de Samuel e Reis encontramos a maior parte dos conflitos entre filisteus e israelitas. E novamente há muita mão de governantes e questões de honra pessoal intensificando os conflitos. O redator deuteronomista entende que os governantes agiram obedecendo a Yahweh, mas os resultados destes conflitos nos fazem pensar até que ponto os governantes não estavam agindo por conta

3. Considerando uma primeira camada da OHD pré-exílica, dos dias de Josias (séc. VI AEC).

própria, carregando o povo para o centro nervoso de seus processos de decisão, que muitas vezes não tinha nenhuma determinação específica do próprio Deus?

Foi o próprio Yahweh quem permitiu que os filisteus vencessem Israel e levassem a Arca da Aliança (1Sm 3,4 até 7,1), para deslegitimar e destituir a família de sacerdotes israelitas corruptos, os filhos de Eli, da liderança religiosa e profética que exerciam sobre as tribos de Israel. Os filisteus tinham vontade de se “apropriar de Yahweh”, esse Deus poderoso que acompanhou Israel pelo deserto e lhes trouxe libertação, por isso sequestraram a Arca, mas eles eram usados por Yahweh como vara de correção para Israel. Depois do concerto entre Israel e Yahweh, ocorrido nos dias de Samuel, os filisteus foram retidos em seu território e devolveram os territórios de Israel. Mas novamente: cada um no “seu quadrado”, um não está autorizado a invadir território do outro.

Israel não gosta desta coisa, de os filisteus serem usados por Yahweh para corrigir os desvios do seu povo. São os desgastes entre filisteus e israelitas que fazem Israel exigir um rei, como os demais povos possuíam (1Sm 8). E, de fato, todo o reinado de Saul aconteceu em função de livramentos de natureza maior ou menor dos filisteus. Mas em muitas ocasiões, mesmo sob comando de Saul, os filisteus venceram os israelitas. Yahweh não ficava sempre do lado de Israel quando o assunto era mexer com filisteus. Eles mantiveram Saul ocupado durante todo seu governo, incluindo os episódios com a pitonisa de En-Dor e até sua morte (2Sm 1,20).

Quando Davi assumiu o reinado as relações se estabilizaram. Davi não ocupou ou tomou o território filisteu, mesmo porque precisou da ajuda deles para fugir de Saul durante anos, mas depois de uma única grande vitória apenas passou a controlar o governo de suas capitais. Davi passou a maior parte de seu reinado pelejando contra outros povos persistentes em volta de Israel (Amalec, Amon, Moab, Edom e Síria). Embora tenham se levantado para sair da regência de Davi, os filisteus ficaram enfraquecidos e sofreram diversas derrotas até permanecerem como vassalos durante o reinado de Salomão (2Sm 5,17-25 e 8,1; 19,10; 21,12-22; 23,11-16). Os filisteus foram preservados em Canaã durante toda a existência do Antigo Israel, porém não se ausentaram do território em movimentos de diáspora massiva, como ocorreria posteriormente com os israelitas (1Sm 9,16 e 17; 10,5; 12,9 a 13,3-23; 14,1 a 17,52; 18,17-30; 23,1-28; 24,2; 27,1-11; 28,1-19; 29,1-11; 30,16; 31,1-11).

Passados os reinados de Saul, Davi e Salomão, não se fala mais de conflitos entre filisteus e israelitas, pelo contrário, a literatura profética continua mostrando os filisteus como um “mal necessário”, para fazer Israel voltar à fidelidade da Aliança. A maior parte dos relatos da historiografia profética é de origem nortista e os filisteus nunca foram um grande problema para o Israel do Norte, apenas para o Israel do sul. A mulher cujo filho Eliseu ressuscitara foi refugiar-se em território filisteu durante a fome (2Rs 8,2). Depois deste episódio, os filisteus são mencio-

nados apenas quando Ezequias fez a reforma religiosa. O relato demonstra que Deus o abençoou colocando os filisteus em fuga (2Rs 18,8).

Mesmo a historiografia cronista, que é de cunho sacerdotal e pós-exílica, com foco no davidismo messiânico, cita os filisteus de maneira periférica, não dá valor aos episódios do tribalismo sob Saul, exceto na sua morte (1Cr 1,12; 10,1-14) e os trata como uma ameaça apenas nos dias do Davi mercenário (1Cr 11,13-18), mas não omite que Davi se aliou aos filisteus para escapar de Saul (1Cr 12,19-20). Mostra os filisteus se levantando contra Davi no início do seu reinado e sendo derrotados em Baal-Farasim e em outros levantes de menor proporção (1Cr 14,8-15; 18,1; 20,4-8). Permanece a vassalagem nos dias de Salomão (2Cr 9,26), relações de paz nos dias de Josafá e também Ozias (2Cr 17,11 e 26,7). A historiografia cronista procurou estabelecer a relação de: “reinado abençoado” é aquele no qual os filisteus estão submissos a Judá, isso condiz com perspectivas messiânicas que muitas vezes ignoram a realidade histórica destas relações como pedagoga divina.

Nos Profetas Posteriores os filisteus são mencionados como um povo que não interferirá mais na supremacia de Israel quando o Senhor congregar a diáspora de volta (Is 11,4). Eles serão alvo do imperialismo esmagador do norte da mesma forma que Israel, segundo a mensagem de Jeremias (Jr 25,15-20; 47,1-4). Não há sentença de juízo sobre os filisteus que também não esteja atingindo o próprio Israel e os povos vizinhos. Em Ezequiel (16,27.57; 25,15-17) os filisteus voltam a ser apresentados como instrumento de juízo de Yahweh contra Jerusalém. Não há, neste oráculo, qualquer indício de que os filisteus seriam julgados por agirem contra Israel, mas sim por agirem de maneira vingativa, com desprezo de alma e com perpétua inimizade e intuito de destruição, independente do povo para o qual se dirigissem.

A novidade em Amós

Amós (1,8; 6,2) foi quem apresentou um dado singular nesta análise. Como seus sucessores na profecia, Jeremias e Ezequiel, os filisteus serão alvo do castigo de Yahweh sobre as nações, incluindo amonitas, moabitas, jersolimitas e samaritanos (1,6-8). Mas trouxe um componente novo. Yahweh mostrou que Israel não era melhor nem maior que aqueles povos, incluindo os filisteus (6,2), mas sim, era o menor dentre estes povos, e que a soberba de Jacó era abominável (6,2-8). Finalmente Yahweh desafiou Israel, mostrando-lhes que ele também fez os filisteus subirem de Caftor para possuir Canaã da mesma forma que trouxe os israelitas do Egito e os sírios de Quir (9,7). Que dado surpreendente! Por este oráculo, foi Yahweh quem falou pela sua boca, o profeta, que os filisteus também experimentaram uma ação libertadora promovida pela mão divina, que fez com que eles saíssem de Caftor e herdassem Canaã junto com os israelitas e os sírios.

Nos últimos profetas do Antigo Testamento encontramos uma noção de que a paz messiânica virá com a dominação dos israelitas sobre os territórios filisteus de Gaza, Ascalon e Azoto. Estes profetas (Abdias, Sofonias e Zacarias) são profetas impregnados da teologia do período exílico e pós-exílico, originais do território de Judá, evidenciando mais uma vez que Filisteia é um problema para Judá e não para todo o Israel (Ab 1,19; Sf 2,5; Zc 9,6).

O que foi feito dos Filisteus⁴?

Tecnicamente, o destino dos filisteus é desconhecido e só recentemente a arqueologia tem conseguido mapear o seu “desaparecimento”. As pesquisas apontam que os filisteus também foram deportados para Babilônia e provavelmente se assimilaram com outros povos na diáspora no período exílico, todavia, da mesma forma que ocorrido com Judá, a deportação para Babilônia não constituía desertificação completa do território canaanita, pelo contrário, Babilônia comportava apenas as nobrezas dos povos dominados, o povo simples da terra permanecia no território dominado, em processo de assimilação cultural com os outros povos ali residentes. Não é difícil imaginar o mesmo destino acontecendo com os filisteus.

Os atormentadores, quem são eles?

Estes relatos nos ensinam algumas coisas relevantes, sobre relações de poder entre governos e governantes, povo e governados e profetas e profecias. Quem atormenta quem, no fim das contas?

1. Tanto nos tempos bíblicos como nos tempos atuais, governos e governantes que abusam do poder, dentro ou fora do povo de Deus, são condenados por Yahweh. Sobre eles a palavra profética é muito dura. Mais duro ainda é o exercício do juízo divino. Quem oprime seus governados será mais duramente oprimido por povos estrangeiros e imperialistas. O imperialismo, sempre que vem, desautoriza os poderosos em exercício, acaba com a qualidade de vida dos nobres opressores, mas o povo da terra, a gente simples, que planta, rega e colhe, continua ali, fazendo o que sempre fez. Nos tempos bíblicos, este segmento sofria pouca diferença na rotina geral da vida. Nos dias atuais, com armas químicas e bombardeios nucleares, que levam milhares para a sepultura, os efeitos sobre civis inocentes são devastadores.

2. Muitos governos se corrompem e criam relações de inimizades com grupos sociais à sua volta por caprichos pessoais, por um complexo de heroísmo

4. Esta antologia foi realizada de maneira sintética, consultando-se apenas sobre os termos filisteus e filisteu na BHS. Para uma pesquisa mais extensa, vale procurar pela referência das principais cidades dos filisteus, mencionadas nos tópicos anteriores.

messiânico, ou self-marketing – autopropaganda, que pouco compromisso tem, de fato, com o bem-estar da própria nação que ele governa e, na maioria das vezes, sequer a representa de fato.

No caso atual de Israel e Palestina, as ações ostensivas de ambos os lados têm a ver com quebras de iniciativas de paz promovidas por governos anteriores. O atual governo de Israel recebe crítica e resistência de seus próprios governados. Há muito debate sobre a questão, mas enganamo-nos, se pensamos que “Israel” é uma grandeza unida centrada no sionismo messiânico. Este é um rótulo equivocado sobre a situação e muitíssimo longe da realidade. Não se pode confundir a visão de uma minoria ortodoxa radical e que tem representantes nas cadeiras do parlamento com a opinião de todo o povo. Israel sofre de falta de unanimidade crônica, por isto as versões radicais acabam dominando. Há muito que se entender sobre os processos de pogroms e banimentos que os judeus sofreram ao longo da história em diversos países, dos movimentos sionistas socialistas pioneiros da Europa no século XIX, com base na partilha de terras entre israelitas e palestinos, que levou os judeus a comprarem territórios desérticos desprezados pelos árabes, que lhes vendiam terras com facilidade e bastante lucro. Estas terras que foram transformadas em kibutzim (e que construiu a cidade de Tel Aviv), que produzem legumes e flores padrão exportação não foram adquiridas com as bases dos assentamentos atuais. Há muito que se entender sobre as divisões de opiniões e representatividades no parlamento de Israel, que submetem a nação às iniciativas políticas de primeiros-ministros e presidentes de mentalidade sionista revisionista (terra de Israel exclusiva para Israel), ao invés de sionista socialista dos pioneiros que tinha o intuito de partilhar a terra de maneira cordata. Há muito que se entender sobre a história contemporânea de Israel antes que o mundo cristão-ocidental tenha competência conciliadora para opinar sobre a questão. Antes de tomarmos partido nesta questão, é necessário estudar o problema a fundo antes de nos posicionarmos tão próximos do antissemitismo.

3. Em termos de Brasil, o que aprendemos sobre os atormentadores? Quem atormenta quem, no final das contas? Completamos em 2014 cinquenta anos do golpe de estado que submeteu nossa nação a anos de opressão e subdesenvolvimento em prol de um “progresso” que fez muito sentido para os bancos do Fundo Monetário Internacional, aos quais o país passou a dever dinheiro. Houve desenvolvimento? Houve, mas a custos muito sacrificiais para a vida da nação.

Os militares chamaram o golpe de “revolução”; grande parte deles ainda vê aqueles anos de maneira positiva. Os torturados até hoje têm pesadelos com os horrores que a dita “revolução” trouxe para a vida deles. Eu sou nascida depois do golpe. O que me lembro da minha infância era a falta de mobilidade social. Quem era pobre, estudava, batalhava, trabalhava, mas não conseguia sequer sair da vida na favela. Era dura a opressão econômica. Os jovens da geração anterior à minha sofreram ainda mais duramente, porque lhes foi censurada a voz de protesto, a voz profética que vem dos grupos de suporte da profecia, isto é, do meio do povo, foi calada na base de golpes, extradição e torturas.

Depois de muita comoção popular, finalmente o movimento “Diretas Já” levou ao poder nosso primeiro presidente civil, eleito indiretamente, mas que nos trazia esperança de tempos melhores. Esperança que teve que esperar mais uma década porque Tancredo Neves morreu antes da posse, de maneira até hoje não muito bem explicada, e ficamos novamente sob a regência dos “coronéis” sem farda, e depois de representantes intelectuais ambíguos, que a gente nunca conseguiu discernir totalmente de que lado estavam, do lado do povo ou do lado de si mesmos.

Finalmente um presidente do povo, eleito pelo povo é levantado. Uma vitória nacional. Um tempo de alegrias, inédito em nossa história. Sua sucessora é eleita pela confiabilidade inspirada na nação por seu antecessor, até que os escândalos e as corrupções que são descobertas dividem a nação, que se polariza em posturas de ódio, perdendo totalmente o bom-senso quando se trata de avaliar com ponderação todos os ganhos e perdas para a vida do povo.

Estudando Direito Constitucional, meses atrás, reparei que nossa trajetória histórica é a seguinte: sempre que há avanços nas conquistas dos direitos civis e progresso vindo das bases, a força militar intervém de maneira direta ou indireta e reprime diversos destes avanços. Isto é histórico, desde nossa primeira Constituição que veio com a República. Canudos e tantos movimentos registrados em nossas páginas nos lembram quem atormenta quem. O que me causa perplexidade e até arrepios é a quantidade de brasileiros que parecem torcer para que a experiência de opressão se repita.

Está acessível a todos pela internet, dividido em 3 blocos de 25 minutos, conforme exibido na televisão, um importante documentário, intitulado: “O dia que durou 21 anos”⁵. Este documentário mostra a participação do governo norte-americano apoiando o golpe militar de 1964. Mostra também que “a revolução” foi apoiada pelos americanos com um objetivo, mas que os militares brasileiros ficaram no poder por tanto tempo por motivos completamente diferentes.

Depois desta retrospectiva de nossa história, vale a pena acessar e fazer a leitura atenta do “Relatório da Comissão da Verdade”⁶ recentemente entregue aos brasileiros. Nove volumes em torno de quinhentas páginas cada um, de pesquisa de campo minuciosa. A leitura atenta nos leva às lágrimas e à revirada das entranhas. Eu estou certa que nosso povo em nada sai ganhando quando a população perde o bom-senso e a capacidade de fazer balanços, ponderando os ganhos, principalmente para as camadas marginais da nossa sociedade. É lastimável que certos segmentos sociais julguem as conquistas sociais pela atitude de pobres que

5. Resumo disponível em: <http://tvbrasil.etc.com.br/odiaquedurou21anos>, dirigido pelo jornalista Camilo Tavares.

6. Disponível para download em: http://www.cnv.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=571.

são corruptos e que, mesmo tendo ganhos, não comprovados acima dos limites de rendas considerados válidos, façam uso dos programas sociais destinado aos realmente carentes como se fossem miseráveis e sem teto. A corrupção do pobre que não pratica a justiça aumenta o tormento sobre a nação.

Falta-nos a capacidade de, independente de apoiar ou não a reeleição do governo atual, mantermos o bom-senso de perceber o que é de fato bom para nossa gente e o que não é. No fundo, os atormentadores acabam sendo nós mesmos. Somos nós que calamos a profecia, quando impedimos que iniciativas únicas em prol dos oprimidos e pessoas na linha da miséria sejam colocadas em xeque. O que ganhamos, como nação, quando impedimos que os miseráveis sejam ajudados? Esquecemos que o princípio de “não haver pobres em Israel” é tão antigo quanto a própria Torá.

Será que nós, os que calamos a profecia, não estamos, de fato, sendo tão corruptos quanto os poderosos que deitam em “camas de marfim” ou como as abastadas “vacas de Basã” do profeta Amós?

Em permanente diálogo sobre as coisas da nossa terra com um amigo, Raimundo Barreto, professor de Estudos Religiosos na Universidade de Princeton, em NJ/EUA, uma das pessoas que admiro pela sensatez e equilíbrio, ele disse o seguinte:

Tenho explicado aos meus interlocutores, pelo menos aos que conseguem dialogar. Não tivemos uma Guerra Civil, mas um golpe militar seguido por um Estado de Exceção, que é exatamente o oposto do Estado de Direito. Nesse caso, o estado já não serve o seu propósito, e não deixa espaços legais para a contestação dentro da legalidade. Penso no caso de Paulo Wright. Movido pelo ideal da justiça, que na cabeça de vários jovens protestantes da época tinha suas origens (como descreveu o saudoso Waldo Cesar) numa leitura dos profetas bíblicos, moveu-se do âmbito da religião para o da política, chegando a ser eleito deputado. Cassado e perseguido pelo regime militar, ele concluiu que, sem a guerrilha como estratégia, a resistência não teria chances diante da crueldade do regime. Pelo que li de suas próprias palavras, principalmente no livro “O Coronel Tem um Segredo”, penso que uma grande inspiração para ele foi o exemplo do pastor e teólogo luterano Dietrich Bonhoeffer, na Alemanha nazista, que, inicialmente inspirado por Gandhi, pensou na possibilidade de elaborar uma resistência não violenta ao regime de Hitler. Mais adiante, porém, notou que uma das características mais básicas da resistência não violenta é apelar à consciência do oponente, buscando uma mudança. Ele concluiu que na Alemanha de Hitler não havia consciência para a qual apelar, e que o regime tinha desmantelado qualquer possibilidade de resistência pela via da consciência. Robert Bolton, num artigo publicado no *The Christian Century*, em 1970, faz referência ao nazismo ao falar da tortura no Brasil, que ele descreve como especificamente cruel. Alguém pode ser a favor ou

contra o uso da força em tais circunstâncias. Mas certamente não se pode falar com qualquer honestidade intelectual em dois lados, como se houvesse uma situação de guerra e ações equiparáveis. Infelizmente, o relatório veio num momento de polarização política, onde as pessoas perderam o bom-senso. Não é preciso ser de esquerda para se condenar os abusos de um Estado de Exceção, inclusive a tortura, ou para se celebrar que, finalmente, cinquenta anos depois conseguimos passar a limpo essa memória, coisas que outros países fizeram em muito menos tempo.

Os promotores “do beijo”

Entre “mortos e feridos”, se teve uma coisa que o imperialismo estrangeiro ensinou aos israelitas dos tempos bíblicos, e de maneira definitiva, foi a adorar somente a Yahweh. Israel só se tornou monoteísta depois de ter passado pelo domínio imperialista após a libertação do Egito. Aprendeu a se achegar ao seu Deus. E quando uma pessoa se achega a Deus, isto é, passa a ter intimidade contemplativa com a pessoa de Deus, com sua grandeza, com seu poder, muito mais do que ser mero e fervoroso cumpridor de rituais e dogmas religiosos, algo diferente acontece no olhar desta pessoa sobre o mundo, sobre os seres humanos, sobre seus semelhantes. O que acontece depois de um encontro assim é que adquirimos as “lentes” da justiça de Deus e nos tornamos incapazes de reproduzir ações de tormento e tribulação para as pessoas e para a criação de Deus, de maneira geral.

Será que não é isso que está faltando entre nós? Encontros verdadeiramente sagrados com o “Tremendo e Fascinante”, para usar as palavras de Rudolf Otto⁷, ou seja, encontros transformadores com a pessoa de Deus? Pois ninguém sai o mesmo depois de um encontro como este. Os textos bíblicos são ricos em experiências de pessoas que saíram transformadas destes encontros, na sua visão, no seu caráter, nos seus objetivos de vida, no seu bom-senso, na sua coerência com a justiça e, principalmente, na sua ética. Foi assim com Noé, Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Josué, Samuel, Davi, Josias, Amós, Oseias, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Pedro e os onze discípulos, Maria Madalena e as outras mulheres que seguiam a Jesus de perto, Saulo de Tarso e uma infinidade de nomes, essa gente que escreveu a história da Bíblia, escreveu-a história porque teve encontros transformadores com a pessoa de Deus.

Nestes dias de finalização deste texto fiquei profundamente emocionada com a ação de um cristão que não se omite, e que por causa de sua convicção sobre paz e sobre justiça tem sido um exemplo de interferência ética na diplomacia global. Estou falando da interferência do Papa Francisco na devolução dos cinco jovens cubanos, feitos prisioneiros nos EUA sob acusação de espionagem, quan-

7. Rudolf Otto. *O Sagrado*, p. 22.

do estavam, de fato, fazendo o contrário. Poucas horas atrás recebi um lindo texto de um líder eclesialístico cubano que fala por si só:

Uma verdade se expande hoje pelo mundo, a mesma encontra eco entre muitas outras verdades. A alegria se reflete na família cubana! A esperança volta a amanhecer no raiar do sol e o primeiro gole de café nos convida a continuar desejando-a e anunciando-a. A rua está agitada, a notícia roda de boca em boca, os corações se abrem e um suspiro se escuta: valeu a pena! A vida continua com o rugido de todos os dias, com os cheiros que nos cativam e nos distraem e passa diante de nós como uma rajada de diferentes imagens, as mesmas de ontem, e outras novas. Surpreende-nos, então, a imagem vívida da justiça, que por seus frutos é conhecida. O dia se adianta a passos rápidos, parece que a boa-nova ainda não foi assimilada, se comentam muitas coisas, mas só se repete uma: “eles estão aqui!” E quando penso nisso me surpreendo. Como aconteceu? O que fizeram? O que fizemos? O que fiz, para hoje sentir que este momento também é meu e teu, deles e delas, enfim, de todos e todas? O Advento nos traz esperança. A última palavra de nossa vida é Deus quem a tem. O Deus da justiça e o amor, o Deus que caminha de maneira discreta e faz paz de maneira inesperada. O Deus que faz uma camponesa cantar quando diz: “sua misericórdia passa de geração em geração para os que o temem. Mostrou o poder de seu braço e dispersou os que se orgulham de seus planos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e os ricos despediu de mão vazia” (Lc 1,50-53)⁸.

Que deixemos de atormentar o povo de Deus por meio da nossa omissão, conivência com a injustiça, transferência de responsabilidade para a corrupção dos governantes esquecendo que quem coloca os governantes no poder é a nação e nós temos participação em todos estes processos.

Ah, que bom será quando os leitores da Bíblia se tornarem praticantes das verdades bíblicas e não apenas ouvintes. Quantos beijos haverá entre a paz e a justiça quando atuarmos com a força da profecia, a partir de nossos lugares de influência, a partir de nossos postos, fazendo diferença nesta Terra.

Deus conosco!

Bibliografia

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. Trad. Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/ Vozes. 2. ed. 2000, vol. 1 e 2.

8. Texto do Rev. Ernesto Bazan, Iglesia Bautista Kerygma de Holguín, Cuba.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 1988.

MARIANNO, Lília. *A ameaça que vem de dentro*: Um estudo sobre as relações entre judaítas e estrangeiros no pós-exílio em perspectiva de gênero [Dissertação de Mestrado] São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Um estudo do elemento não racional na ideia do divino e a sua relação com o racional. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985.